ISSN: 2358-8829

PERCEPÇÕES, ANÁLISE E SENTIDOS DO CONCEITO DE LUGAR A PARTIR DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA

Alana Cerqueira de Oliveira Barros [1]
Isana Barboza Costa [2]

INTRODUÇÃO: ENTRE ROTAS, QUESTÕES E INTENÇÕES

O presente trabalho insere-se no campo da Geografia Humanista, cuja emergência, a partir da década de 1970, contribuiu para a valorização das experiências subjetivas e afetivas na compreensão do conceito de lugar. Fundamentado nas filosofias do significado, especialmente na fenomenologia e no existencialismo, o estudo compreende o lugar como uma construção vivida, marcada por vínculos, memórias e sentidos atribuídos pelos sujeitos. Trata-se de um recorte da pesquisa dissertativa intitulada "Entre letras, melodias e canções: uma leitura geográfica da obra de Luiz Gonzaga", vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I, em Salvador.

As canções são compreendidas como dispositivos comunicativos capazes de evocar memórias coletivas e construir imaginários espaciais, revelando experiências relacionadas ao sertão nordestino. A obra de Luiz Gonzaga expressa elementos da geografia cultural nordestina, articulando temáticas como seca, migração, religiosidade, práticas sociais rurais e sentimentos de saudade, pertencimento e nostalgia.

Nesse sentido, por estar intimamente relacionado às experiências e às vivências humanas, o conceito de lugar constitui uma categoria fundamental para a construção das tramas conceituais deste trabalho. Sua abordagem possibilita uma análise que contempla elementos materiais, simbólicos, emocionais e afetivos, uma vez que as letras das canções de Luiz Gonzaga, objeto de análise desta pesquisa, apresentam narrativas e histórias de pessoas, paisagens, fenômenos e situações experienciadas no cotidiano dos lugares do sertão nordestino.

A partir da década de 1970, emerge, no campo da Geografia, uma corrente de pensamento que valoriza e compreende as relações de afetividade construídas entre os sujeitos

[1] Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XI e Especialista em Ensino de Geografia pela Univerisdade Estadual de Santa Cruz –Uesc alana.cerqueira.geo@gmail.com;
[2] Doutora em Ciências da Educação pela University Mackenzie, licenciada em Matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e em pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde, isana.costa@enova.educacao.ba.-gov.br;

ISSN: 2358-8829

e o ambiente em que vivem. Nessa perspectiva, o lugar ultrapassa o sentido geográfico de localização, assumindo uma dimensão existencial e experiencial. Conforme destaca Relph (1979, p. 16-17), o "[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipo de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança".

Assumindo uma relação intrínseca com as experiências humanas, o lugar encontra centralidade em bases teóricas fundamentadas nas filosofias do significado — fenomenologia, existencialismo, hermenêutica e idealismo —, que permitem incorporar os sentidos experienciais e subjetivos como elementos essenciais para a compreensão desse conceito. A partir das contribuições dessas correntes filosóficas, a Geografia Humanista incorporou aos estudos da paisagem e do lugar a arte, a percepção e os sentimentos associados à existência humana, ampliando as possibilidades de investigação geográfica e contribuindo para a renovação do pensamento geográfico.

Nesse contexto, a musicalidade de Luiz Gonzaga configura-se como uma possibilidade de abordagem didática, permitindo trabalhar conceitos geográficos, como lugar, território, paisagem e migração, de maneira contextualizada e sensível. Por meio das canções, torna-se possível estimular a interpretação, a reflexão crítica e a aproximação dos estudantes com diferentes realidades socioespaciais. Desse modo, a pesquisa busca evidenciar a música como recurso metodológico capaz de dinamizar os processos de ensino e aprendizagem e contribuir para a construção de uma Geografia mais significativa no contexto escolar.

Lugar na Geografia Humanista: experiências vividas e subjetividade

Tuan (2013, p. 245) sinaliza que "[...] uma grande quantidade de dados provenientes da experiência está destinada ao esquecimento porque não podemos encaixar as informações nos conceitos das ciências físicas que aceitamos sem criticar". Por muito tempo, a Geografia priorizou uma base científica ancorada nos moldes do racionalismo, pregada e defendida no rigor da mensuração, que afasta o "eu" e as experiências e prioriza o objeto, razão. A surgência da Geografia Humanista, que trata do ser no mundo, da experiência humana e de suas relações estabelecidas com o espaço e o lugar, "[...] ainda encontra dificuldades de aceitação quando investiga e apresenta, cientificamente, a realidade das percepções, atitudes e valores em relação ao meio ambiente." (STURZA, 2020, p. 12).

ISSN: 2358-8829

Ao tratar dos antecedentes à Geografia Humanista, Holzer (2013) enfatiza que a constituição de uma ciência para além dos ditames positivistas nos remete à década de 1920, com a obra de Carl Sauer, quando sugeriu que o estudo das paisagens deveria iniciar-se com o estabelecimento de um sistema crítico delimitado pela fenomenologia da paisagem. Isso como método de estudo da relação entre o homem e o ambiente, por ele formatado e transformado em habitat, em paisagem cultural. Assim, suas ideias propiciaram a criação de cursos com ênfase na Geografia Cultural.

Holzer (2013) ainda acrescenta as contribuições de John Kirtland Wright, geógrafo norte-americano que se dedicou a temas semelhantes, e possibilitou a inclusão de temas que envolviam a subjetividade, quando

> [...] em 1947, faria um discurso exortando os geógrafos a explorar as 'terras incógnitas pessoais' ao estudo da imaginação que povoa a mente de todos nós, e que levasse a geografia para além do plano acadêmico que a sujeita aos métodos de análise objetivos (HOLZER, 2013, p. 138).

No início da década de 1960, David Lowenthal, ex-aluno de Carl Sauer, preocupado com o crescente domínio da geografia quantitativa e a perda de espaço da Geografia Cultural nos meios acadêmicos norte-americanos, propõe a 'geosofia', em que o projeto de ciência abarcasse os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático (HOLZER, 2013).

Os primeiros elementos para a construção de uma Geografia que estivesse para além dos parâmetros cartesianos, positivistas e do demasiado cientificismo que estava envolto nos preceitos da ciência, e indo em direção a uma aproximação humanista, estavam sendo dados. Dessa forma, o encontro com a fenomenologia possibilitou a construção de

> [...] uma concepção de *mundo* que seja diversa da cartesiana e positivista que tem dominado a ciência nos últimos séculos. Sua pretensão é de relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente ou, mais genericamente o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das *essências* a sua matéria-prima (HOLZER, 1997, p. 77, grifos do autor).

As bases da Geografia Humanista, como apontam Marandola Jr. e Gratão (2003), foram lançadas nos Estados Unidos por geógrafos que se mostravam descontentes com o princípio lógico e economicista na condução das ações humanas e de sua relação espacial. Com a perspectiva de consolidarem as bases para um novo fazer científico dentro da Geografia, vão buscar as influências na Psicologia, na Antropologia, na História e na própria Filosofia.

ISSN: 2358-8829

A pioneira participação de Relph é exaltada por Holzer (1997), em relação às possiblidades da fenomenologia como suporte filosófico para os interesses da Geografia e de sua elaboração epistemológica, que estavam preocupados com a subjetividade espacial, mas que não desejavam ser identificados como comportamentalistas.

Assim, previa que a junção da fenomenologia na geografia possibilitava "[...] uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza e uma crítica ao cientificismo e ao positivismo." (HOLZER, 1997, p. 140). E complementa que "O método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e com isso, através da intencionalidade, reconhecer as essências de estrutura perceptiva". (HOLZER, 1997, p. 140).

Nesse sentido, compreende-se que

> A subjetividade está na pauta do humanismo, como traz o enfoque fenomenológico. Este resgata o mundo vivido como escala e categoria de análise, permitindo a compreensão mais orgânica da relação homem-meio, através do conceito de lugar e o estudo da memória, dos símbolos e da identidade. Estes tornam esta relação mais viva e humana. Desloca-se o foco das macro-funções e macro-estruturas paras os sentimentos e as relações, sem, contudo, ignorar tais macro-processos. Não se trata de negar outras posturas metodológicas, e sim de enriquecer o estudo geográfico, adicionando a ele outras dimensões (MARANDOLA JR, 2005, p. 409).

Para a compreensão do contexto do surgimento da Geografia Humanista "torna-se necessária a referência ao ambiente intelectual do final dos anos sessenta: o do movimento hippie, da revolta estudantil e do questionamento feroz dos padrões culturais e políticos instituídos." (HOLZER, 2008, p. 139).

Holzer (2010) apresenta a importância do geógrafo francês Eric Dardel, sua obra fundamental e primeira de uma Geografia Humanista: *L´Homme et la terre: nature de la réalité géographique* ou *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, escrita em 1952, "[...] é a descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia". (RELPH, 1979, p. 2).

A obra de Dardel opõe-se ao reducionismo aplicado à geografia e, por isso, construiu uma interpretação ancorada na fenomenologia e na existência humana. O objetivo dessa Geografia é

> Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma *geograficidade (géographicité)* do Homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 1-2, grifos do autor).

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, “A importância e originalidade desta obra estão na fundação de um diálogo entre Geografia e Fenomenologia, que passa a figurar entre as principais influências da Geografia Humanista”. (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003, p. 10). Por muito tempo, sua obra permaneceu desconhecida, “[...] quando os franceses se deram conta da importância e da riqueza da obra de Dardel para a renovação da geografia, [...] haviam passado vinte anos desde a primeira citação de seu livro por geógrafos norte-americanos.” (HOLZER, 2010, p. 1). Dessa forma, “A obra de Eric Dardel será descoberta depois, quando a geografia atravessa seu período quantitativista e seu engajamento na ação adota um outro olhar, aquele da fenomenologia, da percepção e da representação.” (PINCHEMEL, 2015, p. 158).

Entre as décadas de 1960 e 1970, essa obra foi resgatada pelos geógrafos, pois temas centrais para a Geografia Humanista estavam contemplados na obra de Dardel: a relação entre o homem e a terra, a partir de uma perspectiva fenomenológica e interdisciplinar, a arte, os sentimentos na pauta geográfica como importantes dispositivos de informação para a compreensão dos fenômenos, e o lugar sendo o fundamento para a construção de todas as relações temporais e espaciais do ser-no-mundo. Por isso, é considerada como a precursora de uma geografia fenomenológica, também originando o conceito de “geograficidade”, conforme destaca Holzer (2010).

Relph (1979) também enfatiza a importância e o pioneirismo, pois

> Dardel combina efetivamente o trabalho de fenomenologistas, como Heidegger, Minkonski e Bachelard, com descrição de experiências geográfica feitas por poetas, novelistas e geógrafos como, Sheller, Rilthe, Vidal de La Blache e Martonne (RELPH, 1979, p. 2).

Besse (2011) complementa que

> A reflexão de Eric Dardel se opõe à redução da geografia a uma ‘simples’ disciplina científica. A diversidade de seus interesses, que conduzem Dardel a prestar atenção às produções ‘positivas’ da geografia, mas também às problemáticas mais recentes da filosofia, da história das religiões, assim como dos problemas éticos do seu tempo, a da leitura assídua de poetas, convidariam sobretudo a ver a geografia do ponto de vista geral de uma reflexão sobre as atitudes humanas no mundo (p. 112).

A obra de Dardel exerceu influência sobre diversos geógrafos, entre eles Yi-Fu Tuan.

> Em artigo publicado em 1974, intitulado *Space and Place: Humanistic Perspective*, onde Dardel é citado, Tuan daria uma guinada teórico-metodológica. Até aquele momento suas incursões no campo da ‘percepção ambiental’ dedicavam-se à análise dos mundos pessoais a partir, principalmente, da psicologia, em particular da teoria da aprendizagem de Piaget. [...] o espaço e o lugar são considerados como os conceitos

> que definem a natureza da geografia. Mais do que isso, pela primeira vez a geografia humanista é explicitamente tratada como subcampo autônomo que tem como referência epistemológica a fenomenologia (HOLZER, 2015, p. 144).

Em sua obra, *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan (1983), elenca, como questão central do livro, o que são espaço e lugar em termos da experiência humana? A construção dessa diferenciação conceitual articula um reposicionamento epistemológico na compreensão geográfica desses conceitos, trazendo uma aproximação interpretativa dos conceitos de espaço e de lugar, pois, se o primeiro começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar na medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor e de significado.

Sendo o espaço mais amplo, livre, desprovido de ligação afetiva, o lugar é compreendido na perspectiva humanista como um recorte afetivo do espaço, pois é íntimo, emocionalmente próximo, amoroso e humanizado. Logo, o que torna um espaço em lugar são as experiências, noção de pertencimento, de enraizamento, de amizade, de simbolismo. Três palavras-chave: percepção, experiência e valores perpassam a construção das suas reflexões nessa obra e, dessa forma, os lugares guardam e são núcleos de valor. Por isso,

> Na primeira metade da década de 70 podemos destacar os nomes de Tuan e de Butttimer como os que mais contribuíram na busca por uma identidade própria para a geografia humanista. Esses autores foram pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico-existencialista, aporte que mais tarde permitiria a identificação de seus trabalhos como humanistas (HOLZER, 2003, p. 115).

Sua obra ajudou a difundir, a partir dos anos 1970, uma Geografia Humanista, reflexões sobre o lugar que agregam, para além da conotação espacial, as experiências vividas dos sujeitos. As suas produções possibilitaram o redesenho do entendimento do conceito de lugar. Com isso, a abrangência de suas contribuições constituiu em uma ponte que sustentou a aproximação da Geografia com as humanidades, a arte e a fenomenologia existencialista – mundo vivido, ser-no-mundo –, sendo incorporadas à discussão do lugar, pois foi o conceito espacial que mais atendia aos propósitos da Geografia Humanista.

"'Espaço' e 'lugar' são termos familiares que indicam experiências comuns." Indica (TUAN, 2013, p. 11) que nos mobiliza a refletir filosoficamente quando afirma que "[...] o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro." (TUAN, 2013, p. 11). As categorias de espaço e de lugar se apresentam como indissociáveis na mencionada obra. Logo, diante de uma perspectiva experiencial, concluímos que o espaço e o lugar se complementam, e que um não pode ser entendido sem o outro.

ISSN: 2358-8829

> Neste contexto, os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. Ao percorrermos os espaços nos deparamos com labirintos e na desenvoltura da travessia dos lugares amplos ressonam o alarido e o corre-corre das pessoas, o rufar dos tambores e o toque mágico dos sinos. Dos espaços sufocados pela escuridão, escapamos para a extrema luminosidade dos lugares, conduzidos pela arte, revestida de abnegação, labor e prazer, oferecidos e consagrados pelos indivíduos e grupos sociais (MELLO, 2011, p. 8).

"Não há lugar como o lar", afirma Tuan (1983), na introdução de sua obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Logo, um questionamento "O que é lar?", seguido de uma resposta – "É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria". São lugares formados a partir de nossas experiências diretas, repletos de aspectos como aromas, paisagens, sons, familiaridade.

PERCEPÇÕES, ANÁLISE E SENTIDOS DO LUGAR A PARTIR DA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA

Da experiência vivida, Luiz Gonzaga extraiu elementos para a construção de suas canções, com fragmentos biográficos e narrativas valiosas que inspiram trabalhos como fonte de pesquisa geográfica. Muitas letras das canções de Luiz Gonzaga retratam o/os lugar/res onde ele experienciou vivências no contexto da vida cotidiana do Sertão nordestino. Dessa forma,

> A música de um lugar pode oferecer ao estudo geográfico elementos para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos nele existentes [...]. O estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais. Pensar o lugar remete a pensar na localização, assim como nas paisagens que este comporta. (TORRES; KOZEL, 2010, p. 128)

As rezas, as festas tradicionais, as vaquejadas e as práticas de adjutórios[3] versejadas em suas canções, retratam a imersão nos labirintos das suas memórias e evocam reminiscências dos tempos da vida no Sertão. Então, mesmo como migrante em outros contextos, as experiências vividas no Sertão nunca deixaram de ser retratadas em suas canções.

Luiz Gonzaga foi um poeta, compositor e intérprete. Foi ator, e autor ativo na construção de um ritmo musical e de uma respectiva representação simbólica regional. Mas, ao longo desse percurso, ele contou com o apoio artístico de outros parceiros musicais e letristas. Essa rede de

[3] Adjutórios – Termo de origem latina (adjuntorium). Encontros realizados por pessoas da comunidade para assegurar a produção dos pequenos agricultores e manter a tradição de trabalho coletivo e solidário. Havia uma rotatividade na ajuda ao outro. Esse trabalho era desenvolvido na forma de mutirão (PORTUGAL, 2013, p. 44).

parcerias imprimiu uma versatilidade no modo de produzir a sua arte. As contribuições vão do tom melancólico, drama, festividade, causos, aboios e uso de metáforas, cuja única intenção era representar o Nordeste brasileiro e o seu povo.

Um exemplo é a canção *Meu Araripe*, composta por Gonzaga em parceria com João Silva, a qual retrata, de forma saudosa, os sentimentos que permeiam a relação com o lugar vivido.

Meu Araripe
(Luiz Gonzaga e João Silva; 1968)

[...]
Meu Araripe, meu relicário
Eu vim aqui rever meu pé de serra
Beijar a minha terra
Festejar seu centenário
[...]
Quero louvar
Os grandes desse lugar
Luiz Pereira, Dona Bárbara de Alencar
E o Barão que não sai da lembrança
Que mandou buscar na França
São João e Baltazar
[...]
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1561814/>.

O título que nomeia a canção demarca a relevância do lugar retratado para Luiz Gonzaga. Ao colocar o pronome possessivo (meu) no título da letra da canção, os autores sinalizam o sentimento de apego ao lugar poeticamente retratado, pois, "Como indivíduos e membros de comunidades, nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nomes ou uma identidade específica [...]". (RELPH, 2014, p. 22).

A Chapada do Araripe está localizada geograficamente no domínio da Caatinga, apresenta 180 km de extensão por 50 km de largura, e está orientada entre as coordenadas geográficas 7º e 8º S, 39º e 41º W, abrangendo parte dos estados de Pernambuco, do Piauí e do Ceará, com a maior área, enfatizam Nascimento; Nascimento e Azevedo Jr. (2000). Dessa forma,

> Sua inclinação drena todas as águas pendentes para o vale do Cariri, região mais nobre e rica do Ceará, zona de cultivo da cana-de-açúcar para a fabricação da cachaça e da rapadura. No entanto, à altura do Exu, essa conformação topográfica muda, e a terra se inclina levemente para o estado de Pernambuco. Daí a riqueza da terra exuense, com suas numerosas fontes de água que protegem a região das desolações da seca (DREYFUS, 1996, p. 27).

ISSN: 2358-8829

A canção é capaz de expressar o que há de mais subjetivo nos indivíduos. Tais sentidos revelam as representações e o centro de significações do compositor. A letra da canção destacada contém elementos que particularizam a relação de Luiz Gonzaga com o seu lugar. Primeiramente, o modo como retrata a felicidade em poder acompanhar os festejos dedicados ao centenário da cidade de Exu, no Sertão de Pernambuco, terra natal de Gonzaga, situada à altura da Chapada do Araripe, elemento natural e geograficamente demarcado na letra da canção.

O sentimento memorialístico e saudoso, de um lugar ao qual o compositor se sente pertencente, pode ser contemplado no trecho: *"Meu Araripe, meu relicário/ Eu vim aqui rever meu pé de serra / Beijar a minha terra"*, o que demonstra que não desfruta cotidianamente do seu lugar, mas que teve a oportunidade de vivenciar mais uma vez a experiência de estar perto dos seus.

No campo simbólico, a música contém elementos de significados que remetem a uma explícita relação de pertencimento entre o compositor, o lugar e as pessoas retratados na música. O verso *"Quero louvar/ Os grandes desse lugar/ Luiz Pereira, Dona Bárbara de Alencar"* revela peculiaridades, como o reconhecimento das pessoas que habitam e vivenciam o lugar retratado.

NOTAS FINAIS: APREENSÕES REFLEXIVAS

A poética musical e a obra de Luiz Gonzaga remetem a um lugar narrativo: o Nordeste. Foi desse contexto que o artista extraiu os elementos que compuseram as letras de suas canções e marcaram sua trajetória artística, fazendo sua musicalidade ecoar pelos quatro cantos do Brasil e contribuindo para dar visibilidade às paisagens, aos costumes, aos sujeitos e aos modos de vida desse lugar.

Com sua genialidade e seu potencial artístico, Luiz Gonzaga, pernambucano nascido em Exu, soube contar histórias e representar, por meio da música, aspectos significativos da realidade sertaneja. Levou aos palcos e aos meios de comunicação expressões culturais que, muitas vezes, permaneciam distantes dos grandes circuitos artísticos nacionais. Explorou suas próprias vivências no sertão e traduziu, em versos, personagens e sujeitos de seu cotidiano, como vaqueiros, parteiras e Rosinhas. Os lugares, as paisagens, os cenários, os aboios, as festas populares e a religiosidade constituem elementos recorrentes de seu cancioneiro. Sua obra, portanto, foi inspirada e construída a partir de experiências concretas, incorporando dimensões subjetivas de sua existência e apresentando, em diversas composições, traços de caráter autobiográfico.

A musicalidade de Gonzaga permite estabelecer conexões com o conceito de lugar, evocando sentimentos de pertencimento, acolhimento, afetividade e reconhecimento das próprias raízes. Essa discussão, amplamente desenvolvida pela Geografia Humanista, constituiu um dos principais eixos teóricos desta pesquisa. Essa escolha possibilitou interpretar as letras das canções considerando as experiências humanas, os vínculos afetivos e os sentidos atribuídos aos lugares, bem como compreender as paisagens retratadas a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos e seus espaços de vivência.

Desse modo, a obra de Luiz Gonzaga revela-se uma importante expressão das relações entre música e espaço geográfico, uma vez que suas canções ultrapassam a dimensão do entretenimento e se constituem como narrativas carregadas de significados culturais, históricos, sociais e afetivos. Ao cantar o sertão, suas paisagens e seus habitantes, Gonzaga não apenas representou uma realidade socioespacial, mas também contribuiu para a construção e a difusão de imaginários sobre o Nordeste brasileiro. Sua produção musical permanece, assim, como um importante registro das experiências, das memórias e dos sentimentos que constituem os lugares.

Palavras-chave: Luiz Gonzaga, Lugar, Subjetividade, Música, Memória.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. *In:* DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra:* natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 111-139.

DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra:* natureza da realidade geográfica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

DREYFUS, Dominique. *Vida de viajante:* a saga de Luiz Gonzaga. São Paulo: Ed. 34, 1996.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 17-18, out. 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7853/5681>. Acesso em: 13 ago. 2026.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 2008. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142 >. Acesso em: 13 mar. 2026.

_____. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, v. 5, n. 10, 2 dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458/8658.>. Acesso em: 20 jun. 2026.

_____. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. *In:* DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra:* natureza da realidade geográfica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011, p.141-153.

_____. A geografia humanista: uma revisão. *Revista Espaço e Cultura* (NEPEC), Rio de Janeiro, n. 3, 1997.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura,* [S.l.], p. 137-147, maio 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 21 jan. 2026. https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6142.

_____. A influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte-americana. XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS - Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. *Anais*... Porto Alegre, 2010.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território,* ano II, nº 3, jul./dez, p. 77-85, 1997.

_____. *Paisagem e Lugar:* um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI. 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas de São Paulo, São Paulo, 1994.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. *Geografia* – Londrina – V. 12 – N. 2 – JUL./DEZ. 2003, p. 5-19. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia.>. Acesso em: 20 jun. 2026.

MARANDOLA JR. Humanismo e a abordagem cultural em geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. *Revista ACTA Geográfica*, Ano V, N° 9, jan./jun. de 2011, p. 07-14. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/fauna/noticia/2015/01/asa-branca.html.>. Acesso em: 08 fev. 2026.

NASCIMENTO, João Luiz Xavier do; NASCIMENTO, Inês de Lima Serrano do; AZEVEDO JR., Severino Mendes. Aves da Chapada do Araripe (Brasil): biologia e conservação. *Ararajuba.* 8 (2); p.115-125, 2000.

PINCHEMEL, Philippie. Biografia de Eric Dardel. *In:* DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra:* natureza da realidade geográfica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015, p. 155-159.

PORTUGAL, Jussara Fraga; DE SOUZA, Hanilton Ribeiro. “Eu vou contar pra vocês..." A arte de Luiz Gonzaga e a Geografia do Nordeste brasileiro. *Terra Livre, [S. l.]*, v. 1, n. 44, p. 201–235, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/596.>. Acesso em: 30 jun. 2026.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. *Geografia,* Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.

STURZA, José Adolfo Iriam. O resgate e a importância do conceito lugar na geografia em tempos de pandemia. *Revista GeoPantanal.* Corumbá/MS, N. 28, 2020, p. 9-30.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 28 out. 2018. Disponível em: < https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150#:~:text=Em%20seu%20texto%2C%20publicado%20em,regi%C3%A3o%20e%20a%20na%C3%A7%C3%A3o%2Destado.> Acesso em: 13 jan. 2026.

_____. *Espaço e lugar:* a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. G*eograficidade*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 20 nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804>. Acesso em: 12 jan. 2026.
_____. *Topofilia:* um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.
TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 20, dec. 2010. ISSN 2177-2738. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616/13762>. Acesso em: 06 junho 2026.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 28 out. 2018. Disponível em: < https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150#:~:text=Em%20seu%20texto%2C%20publicado%20em,regi%C3%A3o%20e%20a%20na%C3%A7%C3%A3o%2Destado.> Acesso em: 13 jan. 2026.

_____. *Espaço e lugar:* a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. G*eograficidade*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 20 nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804>. Acesso em: 12 jan. 2026.
_____. *Topofilia:* um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.